

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

UFCCG
JUCIELY DE SOUSA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR
PARA A REINSCRIÇÃO DO EDUCANDO AO ENSINO REGULAR**

SUPRA OMNES LUX LUCES

**CAJAZEIRAS - PB
DEZEMBRO - 2010**

JUCIELY DE SOUSA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO PEDAGÓGICO
HOSPITALAR PARA A REINTEGRAÇÃO DO EDUCANDO AO ENSINO
REGULAR

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia, do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande para avaliação
parcial na disciplina Estágio
Supervisionado em Docência.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS – PB
NOVEMBRO - 2010



S586i Silva, Juciely de Sousa.
A importância do atendimento pedagógico hospitalar para a reinserção do educando ao ensino regular / Juciely de Sousa Silva. - Cajazeiras, 2010.
38f. : il. color.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Pedagogia hospitalar. 2. Pedagogo-ambiente hospitalar. 3. Educação especial. 4. Ensino Regular. I. Sousa, Débia Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.013:614.21

A

Deus, pela dádiva da sabedoria.

Aos

meus pais, pois apesar de não terem tido muitas oportunidades me proporcionaram e incentivaram, dentro de suas possibilidades.

A

minha irmã Marta, por ter estado ao meu lado em todos os momentos, me ajudando, incentivando e dando força sempre que precisei.

Ao

meu esposo Kley, pelo apoio e carinho que sempre me dedicou.

E a todos que direta ou indiretamente participaram de mais esta conquista em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida que me presenteou, pela força e coragem que determinam todos os meus passos.

Aos meus pais, Zélia e Zé Pretinho, pelo amor e dedicação a mim devotados, pelos ensinamentos proporcionados, pela força nos momentos difíceis e por tudo que são em minha vida.

À minha irmã Marta, meus irmãos Jonas, Océlio e Odair por saber que posso sempre contar com o apoio dos mesmos.

A todos os meus sobrinhos e sobrinhas que amo infinitamente.

Ao meu esposo Kley, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos, me apoiando e me compreendendo.

Às minhas amigas de curso pelos anos que compartilhamos, pelas alegrias vividas e por tudo que nós dividimos durante todo o curso.

A minha orientadora, Ms. Débora Suênia, por guiar meus passos durante a construção da pesquisa e do estágio. Meu muito obrigado!

Ao professor Francisco das Chagas Marques de Oliveira responsável pela correção ortográfica e gramatical.

Aos demais professores do curso que contribuíram para o enriquecimento dos meus conhecimentos.

RESUMO

Pedagogia hospitalar é uma modalidade de ensino inserida na Educação Especial que defende o atendimento pedagógico-hospitalar especializado à crianças/adolescentes impossibilitados de freqüentar o ensino regular por longo ou curto período, devido enfermidades físicas ou psicológicas. A mesma é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que declara a formalização das classes hospitalares. Baseada nessa afirmação, esta monografia estudou a importância de um acompanhamento pedagógico para crianças hospitalizadas, tendo sempre em mente que o direito a educação não deve está em segundo plano e que esta pode sim, ser um meio auxiliar de "tratamento" para crianças hospitalizadas, visto que, toda criança tem a necessidade de continuar integrada ao seu meio social. Sabendo a importância do estudar, bem como do convívio com o meio social que a escola proporciona para a criança, este trabalho vem apresentar o que é a pedagogia hospitalar, sua importância para a manutenção das faculdades intelectuais e sociais da criança hospitalizada e também sua contribuição para a recuperação física da mesma. Para tal foi utilizado como instrumento de coleta de dados a observação, fontes bibliográficas, além de fontes documentais, tais como: portfólio e diário de campo, construídos na realização do estágio-supervisionado. Essa pesquisa possibilitou confirmar a necessidade de um acompanhamento pedagógico para a reabilitação da criança enferma e que apesar da pedagogia hospitalar não ser um tema novo, a atuação destas classes ainda são escassas, principalmente no estado da Paraíba.

Palavras-chave: Pedagogia-hospitalar. Classe hospitalar. Educação especial. Ensino regular.

ABSTRACT

Teaching hospital is a teaching method included in the Special Education which advocates the teaching-hospital specialist care for children and adolescents are unable to attend regular school for long or short period, because physical illness or psychological, it guaranteed by law and Guidelines Bases 1996 declaring the formalization of hospital classes. Based on this thesis statement is studied the importance of a pedagogical support to hospitalized children, always bearing in mind that the right to education should not be in the background and that this may indeed be an aid in the "treatment" for hospitalized children, whereas Every child has the need to remain part of their social environment. Knowing the importance of studying and living amid the social environment that school provides for the child, this work is to present what is the teaching hospital, its importance for the maintenance of social and intellectual faculties of hospitalized children and also their contribution for the physical recovery of the same. For this was used as a tool for data collection observation, bibliographic sources, and documentary sources, such as portfolio and daily field, built-in implementing the supervised internship. This research was possible to confirm the need for educational support in rehabilitation of the sick child and that despite the teaching hospital is not a new theme, the performance of these classes are still scarce, particularly in the state of Paraíba.

Keywords: Pedagogy and hospital. Hospital school. Special education. Regular education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPITULO I _ ASPECTOS METODOLÓGICOS	10
1.1 Pesquisa bibliográfica e de campo.....	11
1.2 Aspectos da observação e da entrevista, realizados na sala de aula do estágio supervisionado	12
1.3 Fontes documentais do estágio supervisionado	13
CAPITULO II _ UM POUCO DA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL E NO MUNDO	14
2.1 Onde e como tudo começou	15
2.2 Está na lei	15
2.3 A classe hospitalar como modalidade da educação especial	17
2.4 Como a educação pode contribuir para a saúde da criança hospitalizada?	19
CAPITULO III _ RECONHECENDO O ESPAÇO ESCOLAR E AS SUAS NECESSIDADES	22
3.1 Realidade da escola e cotidiano da sala de aula	23
3.2 Exposição dos conteúdos	24
3.3 Prática docente: Planejamento, formação continuada e o uso de novas tecnologias	24
3.4 Representação dos educandos sobre a exposição dos conteúdos trabalhados em sala de aula	26
CAPITULO IV _ MEMÓRIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	29

CAPITULO IV _ MEMÓRIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	29
4.1 Relatos da experiência vivenciada no estágio supervisionado.....	30
4.2 Apresentação dos problemas encontrados.....	31
4.3 Atividades propostas como solução para os problemas encontrados	32
4.4 Avaliação final do estágio e da função docente	35
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade a abordagem do tema pedagogia hospitalar, mostrando a necessidade de um acompanhamento pedagógico sistematizado às crianças e adolescentes que por motivo de doença física ou psicológica, são obrigadas a se afastar da escola regular e do convívio social que os mesmos lhes proporcionam. Volta também o olhar preocupante para a formação de profissionais capacitados e preparados para perceber e atender as necessidades de cada criança/adolescente, levando em consideração sua patologia, a série na qual está inserida e suas necessidades especiais. Nesse sentido, a declaração dos direitos da criança da Organização Mundial de Saúde é clara quando assevera que:

[...] a criança gozará de proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidade e facilidade por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. (MATOS; MUGIATTI, 2008, p.57).

A escolha do tema não veio por acaso. Há três anos conclui o curso Técnico em Enfermagem, no qual percebi durante o meu estágio que as crianças internas passavam muito tempo ociosas, e isso lhes dava oportunidades para pensar em seus problemas e cada vez menos perspectivas de continuidade de vida fora do hospital. Observei também que os profissionais da saúde preocupavam-se apenas em cumprir o seu papel de realizar suas técnicas voltadas para o cuidado da patologia física e mais nada. Nem ao menos se ocupavam em explicar para aquelas crianças “pacientes” ou acompanhantes o porquê dos procedimentos e as condições de seu quadro clínico. Em 2008, participei de um mini curso sobre humanização do profissional de saúde e a atuação do professor no ambiente hospitalar. Portanto, no curso da minha vida acadêmica, essa experiência foi fundamental para a escolha de estudar o tema em questão.

Numa primeira pesquisa realizada no hospital do Seridó, na cidade de Caicó – RN, onde funciona atualmente o projeto Classe Hospitalar Sullivan

Numa primeira pesquisa realizada no hospital do Seridó, na cidade de Caicó – RN, onde funciona atualmente o projeto Classe Hospitalar Sullivan Medeiros, pude observar o trabalho que é realizado pelos graduandos do curso de pedagogia da UFRN, com o apoio de uma equipe multinterdisciplinar. Por ser um projeto novo, ainda enfrenta alguns obstáculos, como por exemplo: a falta de reconhecimento do corpo administrativo do hospital; a falta de incentivo para os profissionais de educação; a falta de formação especializada para os profissionais envolvidos no projeto, entre outros.

A classe hospitalar tem a finalidade de recuperar a socialização da criança hospitalizada por um processo de inclusão, dando continuidade a sua aprendizagem. As atividades devem dar suporte e continuidade ao trabalho da escola de origem, visando à reintegração da criança/adolescente na mesma. No caso de crianças que estavam matriculadas e a inserção daquelas que mesmo em idade obrigatória encontram-se fora do âmbito escolar regular, e ainda fazer um acompanhamento daquelas crianças que se encontram hospitalizadas e não têm idade escolar.

Do ponto de vista acadêmico, percebo que esta pesquisa contribuirá para o avanço desta nova vertente da educação, bem como para uma visão mais humanizada dos profissionais de saúde em relação àqueles pequenos seres que estão em suas mãos e que muitas das vezes são tratados como se não fossem nada além da enfermidade que os acomete naquela situação.

A referente pesquisa pretende fazer um breve relato e uma pequena análise dos possíveis efeitos do atendimento pedagógico hospitalar na reintegração sócio-educativa da criança hospitalizada, bem como perceber a importância de um atendimento pedagógico hospitalar sistematizado para a preservação da integridade psíquico-cognitivas dessas crianças, além de explicar como acontece à volta dos mesmos ao ensino regular.

A mesma vem ainda abordar o atendimento pedagógico hospitalar como modalidade da educação especial, seguindo um paradigma da educação inclusiva, visto que podemos entender a educação especial aqui como um tipo de ensino que busca atender, de maneira especial ou especializada, o educando que necessita de atendimento educacional diferenciado.

A princípio foi cogitada a possibilidade de estagiar em uma classe hospitalar, visto que o tema da pesquisa está diretamente voltado para o

atendimento de crianças/adolescentes que por motivo de doença precisam se afastar da sala de aula regular, por pouco tempo ou por tempo indeterminado. No entanto, não foi possível realizar o estágio como idealizado. Desta forma o mesmo teve de acontecer em uma escola regular, entendendo assim que se acontecesse de algum aluno se ausentar da escola por motivo de doença, o mesmo poderia ser atendido no hospital, se fosse o caso de internação ou em domicílio como determina a metodologia da pedagogia hospitalar.

Em sua estrutura, a monografia encontra-se dividida por capítulos, conclusão, referências e anexos.

O primeiro capítulo aborda a metodologia da pesquisa explicitada, levando em consideração os instrumentos de coleta de dados, o tipo da pesquisa, bem como sua abordagem.

No segundo capítulo discute-se alguns aspectos importantes sobre uma nova perspectiva da educação e a possibilidade de atuação do profissional da educação. Inicialmente trata sobre a história da pedagogia hospitalar, em seguida o entendimento da mesma conceituada por alguns autores que discorrem sobre o assunto e ainda a pedagogia hospitalar como modalidade da educação inclusiva.

No terceiro capítulo expõe a realidade escolar na qual se deu o estágio supervisionado, no intuito de conhecer o ambiente de atuação do discente, suas peculiaridades, suas necessidades e acima de tudo seu público alvo. Trata de informações preciosas a despeito do ambiente escolar e dos discentes com os quais se trabalhou durante o período de 10(dez) dias.

O quarto capítulo por sua vez, vem tratar das considerações sobre o estágio supervisionado, expondo as dificuldades encontradas e as atividades propostas no intuito de apontar possíveis soluções para as mesmas.

CAPÍTULO I

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo trata dos aspectos metodológicos que conduziram à pesquisa, dos quais estão os instrumentos de coleta de dados e a abordagem da pesquisa. Os mesmos estão em consonância com os objetos e objetivos da pesquisa.

1.1 Pesquisa bibliográfica e de campo

O presente estudo se insere em um primeiro momento dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa, e dentro desta, se institui nas abordagens de pesquisa bibliográfica e documental. Em um segundo momento, se enquadra como pesquisa de campo por se tratar da vivência do estágio supervisionado. Tem também um modo descritivo, pois buscar apresentar um fenômeno, contudo a intenção é de ir além de uma mera descrição, fazendo uso de uma possível avaliação, no intuito de interpretar os dados colhidos.

Sobre a pesquisa qualitativa Bardin (1977) destaca que a mesma:

Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona estes índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de elementos não significativos serem tidos em conta. (p.115).

Ou seja, a análise qualitativa, diferente da quantitativa que se detém exclusivamente a dados, procura utilizar de procedimentos mais maleáveis que encaram o objeto como um todo, onde apresenta informações muito além do que está explícito.

De acordo com as características teórico-metodológico dessa pesquisa, trabalhei com 03 fontes de dados constituídos de livros e artigos de autores que pensam sobre este tema, tomando como base principal Eneida Simões (2008) e Elizabete Lúcia (2008).

Foi realizada uma investigação na Classe Hospitalar Sulivan Medeiros que funciona dentro do Hospital do Seridó, localizado na cidade de Caicó RN. A classe funciona no turno da tarde, das 14h: 00 às 16h: 00, de segunda a sábado, e atende cerca de 400 crianças por ano. Atua nesta classe uma equipe multi-interdisciplinar que conta com o apoio de pedagogos, psicólogos e graduandos dos cursos de Pedagogia e Matemática da UFRN entre outros, todos coordenados e orientados pela prof. Dra. Tânia Cristina Meira Garcia.

Foi feita também uma observação na sala de aula na qual realizei o estágio supervisionado e uma entrevista com a docente e uma amostra dos discentes.

1.2 Aspectos da observação e da entrevista, realizados na sala de aula do estágio supervisionado

Este tópico tem a finalidade de apresentar a realidade escolar investigada, além do cotidiano da sala de aula na qual foi realizado o estágio supervisionado e também o relato da professora e dos alunos diante dos questionamentos que foram feitos para facilitar e ter um maior entendimento das atividades desenvolvidas e as atitudes dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem.

A observação foi realizada na escola Jaime Meira Fontes, que está localizada na cidade de Sousa-PB, nos dias 19 e 20 de abril de 2010. Foi realizada também uma entrevista com a professora e quatro dos dez alunos do 3º ano.

A escola citada tem sua estrutura física dispersa da seguinte forma: quatro salas de aula, onde funcionam do 1º ao 5º ano, nos turnos manhã e tarde; uma diretoria; uma secretaria; três banheiros; uma cozinha; uma biblioteca e um pátio. A mesma está localizada em um bairro periférico e violento. É fácil observar os efeitos prejudiciais deste ambiente dentro da escola, as crianças são agressivas e demonstram desconhecer algumas normas morais e de convivência.

A entrevista foi realizada seguindo roteiro flexível. Para a docente continha questionamentos sobre: o planejamento, a metodologia, atualização e formação continuada, o Projeto Político Pedagógico da escola, as formas de avaliação entre outros. Para os discentes foram levantadas questões sobre a exposição dos conteúdos e a importância dos mesmos para suas vidas, a importância das brincadeiras e jogos para facilitar sua aprendizagem e também a relação com os colegas, entre outros.

1.3 Fontes documentais do estágio supervisionado

Foi construído durante todo o estágio um portfólio das atividades realizadas e um diário de campo, os quais me serviram de fontes documentais para a realização do quarto capítulo desta monografia. Sobre esses meios de coleta de dados Bogdan e Biklen (1994) afirmam que tais notas são de extrema importância: “é o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experimenta e pensa no decorrer da coleta dos dados.” (p.50). Nesse sentido, faço uso das experiências vivenciadas nesses documentos registradas no intuito, não só de recordar, mas também reviver cada emoção sentida durante todo o estágio supervisionado.

CAPÍTULO II

2. UM POUCO DA HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL E NO MUNDO

A pedagogia hospitalar prima antes de tudo pela qualidade de vida, desta forma busca novos conhecimentos que assegurem a criança e adolescentes enfermos o direito a educação e a sua dignidade respeitada. A história é a maior testemunha dos fatos e é sobre esta história que este capítulo tratará.

2.1 Onde e como tudo começou

O adoecer faz parte do curso natural da vida, no entanto esse fato não pode ser motivo para o estacionamento do processo educativo de crianças e adolescentes. Apesar de acometidos por uma enfermidade, continuam em pleno processo de desenvolvimento cognitivo. Denomina-se de classe hospitalar o atendimento pedagógico sistematizado no ambiente hospitalar, proporcionando continuidade ao processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças hospitalizadas.

A classe hospitalar teve início em Paris no ano de 1935, com Henri Sellier. Seu exemplo foi seguido na Alemanha, França, Europa e Estados Unidos. A priori para dar acompanhamento escolar para crianças tuberculosas. Essa modalidade de ensino expandiu-se durante a segunda guerra mundial, devido ao grande número de crianças e adolescentes mutilados e impossibilitados de freqüentar a escola "normal". Em 1939 é criado em Suresne na França, o Centro Nacional de Estudos e de Formação para crianças Inaptas de Suresnes – C.N.E.F.E.I., voltado para a formação de professores para este atendimento escolar especial. Nesse mesmo ano na França é criado o cargo de professor hospitalar junto ao Ministério da Educação. No Brasil as classes hospitalares tiveram sua primeira atuação em meados de 1950, na Escola Hospital Menino Jesus, no Rio de Janeiro, esta funciona até hoje. Além do Rio de Janeiro tem-se conhecimento de classes hospitalares em São Paulo, no Paraná, no Rio Grande do Norte, entre outras regiões. A importância deste atendimento já é reconhecida legalmente, no entanto ainda são poucos os hospitais pediátricos brasileiros que dispõe de uma estrutura adequada para tais necessidades.

2.2 Está na lei

A partir do que determina a Constituição Federal de 1988, entende-se que a educação é direito de todos e deve está para todos, em quaisquer

circunstâncias que estejam e que necessitem. Assim sendo deduzimos que as crianças e adolescentes hospitalizados devem ter esse direito assegurado. A esse despeito no Brasil foram decretadas algumas leis, como a 1.044/69 que discorre sobre o tratamento especial para alunos portadores de afecções em suas residências e a lei 6.202/75 que fala sobre exercício domiciliar para estudantes gestantes.

Apenas na década de 90 foram criadas leis específicas para a “classe hospitalar” no Brasil. Dentre essas podemos citar: o estatuto da criança e do adolescente e a lei dos direitos da criança e adolescentes hospitalizados na Resolução 41 de Outubro de 1995, item 9(nove), que defende o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante permanência em hospital para crianças e adolescentes enfermos. Em 1996 a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional deu início à formalização do funcionamento das classes hospitalares, o que garantia atendimento educacional especializado e gratuito ao educando com necessidades especiais. Nesse sentido, a resolução 02 CNE/MAC/Secretaria de Estado da Educação de – Departamento de Educação Especial, datada em 11 de setembro de 2001 Art. 13º deixa claro que:

O sistema de ensino mediante ação integrada com o sistema de saúde deve organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de freqüentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou permanência prolongada em domicílio. (BRASIL 2001, p.04).

Assim, considera-se que o reconhecimento da necessidade de uma atenção maior para um atendimento que dê suporte educacional a crianças e adolescentes hospitalizados por parte das políticas públicas, vem reforçar a importância de um sistema de educação que acompanhe as frequentes mudanças sociais, e que seja capaz de atuar em ambientes diversificados, aproximando cada vez mais a escola da sociedade, evitando assim a exclusão de uma grande parte dos educandos que, por motivos de doença, encontram-se fora do ambiente escolar regular.

Mais adiante, em 2002, o Ministério da Educação junto com a Secretaria de Educação especial garantiu atendimento pedagógico hospitalar para crianças da educação básica.

A Câmara dos Deputados em Brasília recentemente colocou em tramitação o projeto de lei 4191/2004, que se dispõe a discutir sobre a obrigatoriedade de oferta de atendimento educacional hospitalar ou domiciliar para crianças e jovens doentes.

A proposta da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC, 1996) é de que toda criança tenha as mesmas oportunidades garantidas para que seu processo de desenvolvimento e aprendizagem não seja suspenso.

A existência de um atendimento pedagógico sistematizado e com profissionais qualificados em hospitais, só vem a contribuir para que esse processo de aquisição e desenvolvimento da aprendizagem seja reforçado e assim o desenvolvimento intelectual da criança ou adolescente hospitalizados não seja quebrado durante seu período de reabilitação.

A lei deixa claro que toda criança tem direito a educação esteja ela apta a frequentar a escola regular ou não. E também que a criança hospitalizada independente do período de permanência na instituição de saúde ou qualquer outro fator, tem necessidades educativas e direitos de cidadania nos quais se inclui a escolarização.

2.3 A classe hospitalar como modalidade da educação especial

A classe hospitalar está inserida na LDB 9.394/96 como modalidade da educação especial, seguindo um paradigma da educação inclusiva. Em seu atendimento incluem-se todas as necessidades educacionais especiais como: deficientes físicos e mentais, portadores de síndromes num geral e os que apresentam dificuldades cognitivas, além daqueles que estão impossibilitados de frequentar as aulas na escola regular em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou atendimento ambulatorial.

A classe hospitalar tem o intuito de recuperar a socialização da criança hospitalizada por um processo de inclusão, manter um vínculo entre esta

criança e o ambiente escolar, dando continuidade a seu desenvolvimento intelectual, levando em consideração suas condições, e não menos importante fazer com que a criança entenda sua realidade atual e assim possa compreender o ambiente hospitalar com menos hostilidade e com o mínimo de dor possível.

A educação na sociedade atual tem se tornado cada vez mais essencial para a compreensão das mudanças que surgem diariamente. Para atuar nesta nova sociedade a educação tem sofrido mudanças em seus conceitos e deixa de ser restrita ao espaço escolar formal, para se estender a diferentes e novos espaços e realidades. Estas novas possibilidades de atuação do pedagogo em espaços como hospitais, empresas entre outros, vem desmistificando a idéia de que o professor está para exercer suas funções apenas em salas de aulas convencionais, quando na realidade todo e qualquer ambiente que proporcione conhecimento.

Nesse sentido, Fonseca diz que:

A educação especial se traduz no seu significado mais amplo, na medida em que conta com instrumental que lhe permite não apenas perceber e compreender as peculiaridades, mas também atender eficientemente as necessidades e interesses daqueles que dela precisam. (2008, p.15-16).

Se percebermos, todo aluno, esteja numa sala de aula regular ou não, tem peculiaridades que os tornam especiais em certas ocasiões. Nessa perspectiva é inviável considerar que apenas aqueles com deficiências como as já citadas antes sejam considerados como quem é portador de necessidades especiais, pois todos em algum momento de nossas vidas temos necessidades especiais. Para Fonseca (2008) o fato de está hospitalizada, já distingue a necessidade de atendimento da criança, tornando-a mesmo que por um curto período, portadora de necessidades especiais.

Sabemos que a educação é o mais importante foco de uma sociedade, pois é através dela que nos desenvolvemos e nos tornamos melhores enquanto cidadãos e enquanto nação. A educação tem como finalidade a realização humana, a libertação do ser humano através da capacitação de suas

potencialidades, aproximando-o cada vez mais da sociedade a qual pertence. Por isso entendemos a necessidade de estudar e aprofundar a respeito da inclusão da criança à educação, não importando se esta é oferecida por um ensino regular ou por qualquer outra modalidade de ensino. O que não podemos, é desconsiderar o direito a uma educação de qualidade que conheça e respeite suas potencialidades e dificuldades.

2.4 Como a educação pode contribuir para a saúde da criança hospitalizada?

Toda criança tem o processo de desenvolvimento que lhe é possível de acordo com suas potencialidades e os fatores com os quais interage. No caso da criança hospitalizada, além de ter seu próprio tempo de desenvolvimento, as limitações que seu quadro clínico lhe impõe devem ser levadas em consideração, porém não se pode considerar que isso a torne incapaz de desenvolver suas habilidades, seus potenciais.

É importante perceber que a criança que necessita de internação hospitalar, precisa também de especial atenção aos determinantes de seu desenvolvimento. A doença não implica apenas na enfermidade do corpo, é preciso destacar as necessidades intelectuais e a permanente construção da subjetividade da criança hospitalizada. Nessa perspectiva: "Ratifica-se então a necessidade de atender além das necessidades biológicas e psicológicas da criança, atender também as obrigações escolares do educando no aspecto pedagógico." (MATOS; MUGIATTI, 2008, p. 71).

O ambiente hospitalar em geral é mórbido e impessoal. O profissional da saúde embora não propositadamente, se mostra muitas vezes indiferente a condição pessoal da pessoa hospitalizada, seja ela criança ou não.

A criança interna tende a perder sua identidade e passa a ser identificada apenas pela enfermidade que hora possui. Além disso, sua rotina diária é alterada e isso a deixa descaracterizada, pois as ocupações que tinha antes da hospitalização são cessadas e dão lugar a uma rotina de medicações e visitas

médicas que na maioria são indesejadas e confundem a sua mente e a deixam mais fragilizada e insegura.

É papel da educação no hospital e também do professor propiciarem à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, na busca de um significado para aquele local, para a própria criança, sua doença e esta nova realidade de vida que precisa ser enfrentada e vivida.

O atendimento pedagógico hospitalar tem como objetivo acolher as ansiedades, os medos e as dúvidas de sua clientela e criar situações que possam contribuir para a compreensão dessa nova realidade e suas implicações, possibilitando assim, uma melhora no seu quadro clínico e na sua qualidade de vida.

A escola hospitalar tem como referencia a escola regular. A classe hospitalar pode ser vista como uma ramificação da sala de aula normal, fazendo um acompanhamento que possibilite e facilite a reintegração da criança a sua escola de origem, de modo que esta criança não deixe de produzir seus conhecimentos e não se sinta deslocada ou excluída quando receber alta do hospital e tiver que voltar para o seu convívio escolar anterior.

É pertinente dizer, que a classe hospitalar não pode ser uma transposição fiel da escola regular para o ambiente hospitalar, visto que as condições de ensino devem estar diretamente ligadas às condições do seu público alvo. Toda criança tem um tempo de aprendizagem que lhe é peculiar, a criança hospitalizada além desse tempo tem um ritmo que já não é o mesmo de antes da internação, e o professor deve estar sempre atento para esses aspectos e assim criar métodos que se adequem a esta nova realidade da criança.

É importante perceber a criança hospitalizada como um ser pensante que chega ao hospital com uma carga de conhecimentos que devem ser estimulados, ampliados e não sucumbidos. Como diz Fonseca (2008), a criança é antes de qualquer coisa, um cidadão que, como qualquer outro, tem direito ao atendimento de suas necessidades e interesses mesmo estando com sua saúde comprometida. Desta forma, a criança precisa ver no ambiente hospitalar um lugar de apoio, de auxílio para sua melhora, para que ela possa encontrar forças na busca de sua reabilitação e não perder sua vontade de viver e de aprender.

A classe hospitalar apesar de ser uma extensão da escola regular, precisa assumir uma perspectiva diferenciada dos métodos tradicionais da escola regular, levando em consideração que o ambiente hospitalar é por si só, desestimulante. A criança ao entrar no hospital percebe-se deslocada do seu meio social e assim tende a sentir-se excluída e desvalorizada. Barros diz que: “O processo de hospitalização é sempre envolvido por uma situação de estresse provocada pela angústia da indefinição diagnóstica, pela ansiedade de resposta ao tratamento médico e pelo afastamento do lar.” (1999, p.25)

O atendimento pedagógico hospitalar além de fazer elo entre a criança hospitalizada e a sociedade, busca também dar continuidade a sua formação intelectual num processo de continuidade a escolarização. Busca ainda, diminuir os efeitos causados pela hospitalização, trabalhando a subjetividade dessa criança, provando assim que a escola não é um ambiente fechado e que o conhecimento é construído em diferentes ambientes, onde ocorra a interação e a comunicação entre os sujeitos do conhecimento. Para Matos e Mugiatti:

A educação em sua abrangência é uma operação, uma ação, não é algo que se impõe de fora, mas, sim, inerente a todo ser humano e, como tal, é um processo que termina quando cessa a existência. Esse permanente alto desenvolvimento pessoal tem como finalidade, a plena realização da pessoa, considerada como um todo – em sua integridade – em toda e em cada uma de suas partes: singularidade, abertura e autonomia. (2008, p. 45).

A criança hospitalizada independentemente do período de permanência no ambiente hospitalar tem o direito a exercer sua cidadania e isso inclui dar continuidade a sua escolarização, e ao seu processo de desenvolvimento intelectual.

CAPÍTULO III

3. RECONHECENDO O ESPAÇO ESCOLAR E AS SUAS NECESSIDADES

O propósito deste capítulo é apresentar a realidade escolar investigada além do cotidiano da sala de aula do terceiro ano, e também o relato da professora e dos alunos diante dos questionamentos que foram levantados para facilitar a ter um maior entendimento das atividades desenvolvidas e atitudes dos mesmos no processo de ensino-aprendizagem. Para uma melhor compreensão dos leitores foram divididos tais conteúdos em momentos distintos. O primeiro momento trata da apresentação da realidade escolar e o cotidiano da sala de aula observada. O segundo momento apresenta a forma de aplicação dos conteúdos. O terceiro momento trata das considerações sobre: planejamento, metodologia e o uso das novas tecnologias da educação pela professora titular. O quarto momento apresenta a concepção dos alunos no que diz respeito à relação professor-aluno, exposição dos conteúdos e aprendizagem dos mesmos.

3.1 Realidade da escola e cotidiano da sala de aula

A escola situa-se em um bairro de periferia e como tal aspira todos os problemas sociais e estruturais de sua comunidade. Um dos maiores problemas a ser enfrentado pela gestão é a indisciplina que está diretamente ligada a falta de estrutura familiar, o que dificulta o processo de aprendizagem, bem como a participação da família na escola.

A escola dispõe de quatro salas de aula que funcionam nos turnos manhã e tarde; uma secretaria também usada como sala dos professores; três banheiros, sendo dois para os alunos e um para professores e funcionários; um pátio que também serve como refeitório, auditório e quadra de recreação; uma cozinha; uma biblioteca equipada com livros do 1º ao 5º ano de todas as disciplinas, dicionários, livros paradidáticos, revistas pedagógicas, calendários culturais da cidade e jogos educativos. Além de outros brinquedos que infelizmente não são utilizados por falta de preparo dos professores e porque os mesmos julgam impossível dar aula usando o lúdico devido a indisciplina dos alunos. A escola dispõe de lanche de qualidade, preparado e servido pela merendeira que também trabalha na limpeza.

A relação professor – aluno muitas vezes é difícil, com desavenças e desrespeito de ambas as partes. O relacionamento entre professores é cordial e amigável, existe companheirismo e cooperação entre os professores e administração da escola.

Durante a observação na sala do 3º ano, que tem como professora a pedagoga Socorro Costa que exerce o magistério há 21 anos. A mesma demonstra ser calma e paciente no decorrer de suas aulas, trata seus alunos com gentileza e mantém a ordem na sala durante as aulas. É pontual e assídua, e tem total segurança quanto ao conhecimento dos conteúdos. Segundo a professora para está a 21 anos nesta profissão tem que ser com muito gosto e zelo.

No decorrer da observação direta na sala de aula foi possível perceber que o terceiro ano tem um comportamento diferenciado, a relação da professora com os alunos é bastante cordial e os mesmos se tratam com mais

aos que julgam nada saber” (p. 67). Nesta concepção o professor tem a única obrigação de transmitir os conhecimentos que possui, visto que este no processo de ensino aprendizagem é o detentor de todo o conhecimento e os alunos são vistos como simples receptores, tendo estes que reproduzir de forma automática as informações absorvidas.

3.3 Prática docente: Planejamento, formação continuada e o uso de novas tecnologias

No que diz respeito ao planejamento, este é fundamental para o bom desempenho do profissional. Acoplado a este está à metodologia que determina o desenvolvimento do ensino – aprendizagem, essa afirmação está explícita na fala da professora: “[...] é o incentivo, a motivação, a maneira de comunicar de forma que possa haver compreensão por parte do educando”. (Professora A, entrevista realizada 19/04/2010). No processo avaliativo todos os aspectos devem ser considerados, pois o aluno deve ser visto como um todo. Para Hoffman (2005) “métodos e instrumentos de avaliação estão fundamentados em valores morais, concepções de educação, de sociedade, de sujeito. São essas as concepções que regem o fazer avaliativo e que lhe dão sentido” (p. 13). Na nova visão da pedagogia, o discente deve ser instigado a uma formação mais ampla e participativa, levando em consideração seu perfil escolar e permitindo-lhe aprender no sentido completo, desde o aprender – a - aprender, aprender -a - ser, aprender – a- agir e a evoluir por inteiro em todas as suas fases.

Sabendo da necessidade de uma formação contínua para a atualização do docente no intuito de alcançar uma práxis significativa, a professora pontua que para dar continuidade a sua formação a mesma está sempre participando de encontros sobre educação, palestras, e atualizando seu acervo bibliográfico com leituras de livros, revistas e jornais, além de pesquisas que realiza para ampliar seus conhecimentos. Considera bom o seu trabalho enquanto educadora, no entanto pondera quando diz que atualizar-se nunca é demais e que sempre dá pra fazer melhor.

(Professora A, entrevista realizada 19/04/2010). No processo avaliativo todos os aspectos devem ser considerados, pois o aluno deve ser visto como um todo. Para Hoffman (2005) “métodos e instrumentos de avaliação estão fundamentados em valores morais, concepções de educação, de sociedade, de sujeito. São essas as concepções que regem o fazer avaliativo e que lhe dão sentido” (p. 13). Na nova visão da pedagogia, o discente deve ser instigado a uma formação mais ampla e participativa, levando em consideração seu perfil escolar e permitindo-lhe aprender no sentido completo, desde o aprender – a - aprender, aprender -a - ser, aprender – a- agir e a evoluir por inteiro em todas as suas fases.

Sabendo da necessidade de uma formação contínua para a atualização do docente no intuito de alcançar uma práxis significativa, a professora pontua que para dar continuidade a sua formação a mesma está sempre participando de encontros sobre educação, palestras, e atualizando seu acervo bibliográfico com leituras de livros, revistas e jornais, além de pesquisas que realiza para ampliar seus conhecimentos. Considera bom o seu trabalho enquanto educadora, no entanto pondera quando diz que atualizar-se nunca é demais e que sempre dá pra fazer melhor.

Quanto à interação com pais e demais responsáveis propõe reuniões periódicas, onde são apresentados vídeos educativos mostrando a importância da família dentro da escola, além da realização de debate e palestras. Para a professora a interação entre família e escola é de suma importância. Como podemos observar em seu discurso:

Eu acredito que é fundamental a presença familiar na aprendizagem dos alunos, a orientação, o exemplo dos pais a ser seguido pelos filhos e em consequência como bons alunos. É como diz Augusto Cury: Pais brilhantes, filhos fascinantes. (Professora A, entrevista realizada 19/04/2010).

Desta forma pode-se perceber diante do posicionamento da professora que o acompanhamento da família, o interesse da mesma na aprendizagem de seus filhos é fator determinante para o bom desempenho dos mesmos.

A escola deve também estar na comunidade onde se insere. Conhecer a realidade de cada uma de suas crianças para que assim possa planejar seu trabalho dentro desta realidade. Trabalhar temas atuais e que tenha relevância para aquele público alvo. Na realidade o papel da escola deve está para além dos muros que a cerca, visto que a função da educação é formar cidadãos capazes de interferir e mudar sua realidade.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico, a professora afirmou ter participado de sua elaboração e reconhece que esta participação é importante, visto que a mesma tem conhecimento das reais necessidades de seus alunos fazendo com que aquilo que foi planejado seja efetivado.

Quando o assunto é tecnologia educacional o que geralmente acontece é que a maioria dos professores restringe estas apenas ao uso de mídias. Isso pode ser afirmado no discurso da professora quando diz: “mesmo conhecendo e admitindo que as tecnologias sejam ferramentas importantes no processo de ensino e aprendizagem não faço uso das mesmas, pois a escola não disponibiliza.” Sobre isso Carvalho Neto afirma(2004) que:

[...] quando criamos uma *solução* para um problema construímos *conhecimento*. Se a solução mostra-se eficaz, para um número significativo de casos semelhantes, então estamos diante de uma *tecnologia*! O conhecimento é produzido como resposta a um problema [...]. (p.03).

Ou seja, a tecnologia educacional está além do uso de mídias, estas são apenas recursos que podem também produzir tecnologia.

3.4 Representação dos educandos sobre a exposição dos conteúdos trabalhados em sala de aula

Os conteúdos trabalhados em aula têm a finalidade de desenvolver integralmente os alunos, sua criatividade, desenvoltura e habilidades. Formando cidadãos críticos e conscientes. Dessa forma não podemos limitar os mesmos apenas a finalidade de constituir um profissional, não discordando

que se deve também ter a consciência que um ensino de qualidade forma bons profissionais para atuar no mercado de trabalho, mas essa não é sua principal função. Sobre a finalidade de se estudar os conteúdos sistematizados os alunos declaram que: “A professora diz que esses conteúdos vão servir para a gente ter um emprego quando crescer, e para isso é necessário que a gente saiba ler, escrever e contar”. (educando A, masculino, 08 anos, entrevista 19/04/2010).

Sobre a exposição dos conteúdos e explicação dos mesmos, os alunos declaram que eles são explanados verbalmente pela professora e em seguida é realizado uma atividade de fixação. Remontando ao ensino tradicional no qual os alunos apenas recebem as informações transmitidas pelos professores e os mesmos reproduzem nas atividades realizadas.

A forma como os conteúdos são expostos também influencia na aprendizagem dos alunos, sabe-se que quando a aula é dinâmica e há interação entre professor-aluno, aluno-aluno se aprende muito mais. Mas isso só se pode conseguir quando há a colaboração dos alunos, já que um dos maiores problemas encontrados atualmente nas escolas é a questão da indisciplina e do déficit de atenção, que não permite que a aula tenha um bom desenvolvimento. Ainda sobre a exposição dos conteúdos, os alunos afirmam que:

[...] a aula dela é ‘boa’, e não precisa de mudanças, a responsabilidade é nossa quando agente não conseguem aprender algo, porque agente não presta atenção na hora da explicação. (educando B, feminino, 08 anos, entrevista 19/04/2010).

Pode-se perceber que a relação da professora com os alunos demonstra total controle e compreensão e por isso conta com o respeito e colaboração dos mesmos, o que torna a convivência em sala mais agradável. No entanto, outros alunos disseram que: “se a professora colocasse tarefas mais fáceis poderia facilitar a aprendizagem.” (educando c, feminino, 08 anos, entrevista 19/04/2010), mostrando que os alunos ainda têm uma visão de que melhorar a aprendizagem significa tornar mais fácil a realização de atividades.

Durante esse contato com a sala de aula e os alunos pôde-se constatar que a professora conseguiu do seu modo chamar a atenção de seus alunos e mantê-los atentos na aula de forma agradável. Ainda é possível ver a satisfação da docente em poder contribuir de maneira relevante com o desenvolvimento intelectual, social e pessoal de cada um de seus alunos e estes, por sua vez, retribuírem com sua atenção e interesse e força de vontade.

CAPÍTULO IV

4. MEMÓRIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Este capítulo trata do relato das experiências vividas durante o estágio supervisionado, mostrando sua importância para a formação do docente, visto que este precisa conhecer de forma concreta o ambiente no qual atuará. Vem também apresentar as principais atividades desenvolvidas durante este estágio no intuito de contribuir com soluções para as dificuldades encontradas.

4.1 Relatos da experiência vivenciada no estágio supervisionado

O Estágio Supervisionado teve o objetivo de observar e aplicar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas estudadas, bem como confrontá-los com a prática pedagógica propriamente dita, buscando firmar uma prática que seja significativa, demonstrando, assim, o quanto é enriquecedor e importante esta etapa na formação acadêmica e profissional do futuro docente. Sobre isto Pimenta e Lima, (2004) p. 58 afirmam que; “o estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia”.

Analisando o Estágio Supervisionado, por meio de suas etapas, desde a observação passando pelas entrevistas e pela aula teste até a sua culminância na docência, pode-se verificar quão difícil é essa profissão. Os planos preparados, as aulas assistidas, os textos lidos, tudo isso se torna mais complexo quando passa da teoria para a participação diária em uma sala de aula.

É certo que o estágio supervisionado, contribui para fortalecer a formação docente, sabendo-se que nem sempre se tem nitidez sobre os objetivos que norteiam as ações pedagógicas no contexto escolar e no meio social onde se inserem, sobre os caminhos para realizá-los e procedimentos a seguir.

Pode-se dizer que as etapas do Estágio Supervisionado foram decisivas e enriquecedoras, de acordo com Francisco e Pereira (2004) o aluno de tantos anos descobre-se no lugar de professor, nada se compara as emoções vividas em sala de aula. Encarar frente a frente toda a dialética educacional, os problemas como: pequenos atrasos, o cansaço visível na face de alguns dos alunos por conta de noites mal dormidas chegando a cochilar em alguns momentos da aula, a agressividade vivenciada por ele no seu dia-dia sendo transferida para a sala de aula.

Apesar de todas essas dificuldades foi muito prazerosa a troca de conhecimento, a atenção disponibilizada para melhor compreensão dos

assuntos estudados, mesmo quando era necessário retorná-los ao objetivo da aula.

Talvez por já ter uma pouca experiência em sala de aula, advinda da minha formação pedagógica, pode-se dizer que os resultados alcançados foram satisfatórios. Acreditando assim, ter colaborado de certa forma para com a formação dos educandos, bem como as contribuições possibilitadas pela professora titular que durante esses 10 dias esteve em sala comigo, aprovando minha participação e, além disso, afirmando ter revisto sua postura enquanto docente. E a mim, enquanto estagiária, muito gratificante, pois cresci bastante como profissional e reavivei a minha vocação como educadora.

4.2. Apresentação dos problemas encontrados

Durante a realização do estágio supervisionado, pôde-se averiguar alguns problemas que dificultaram o melhor andamento das aulas. Desde a não realização do “Para Casa” devido à falta de assistência dos Pais; a sonolência na sala de aula, pois de acordo com relatos da professora que conhece a realidade de cada um dos alunos, alguns dormem tarde, por não poderem entrar em casa antes que o pai durma.

A família exige da escola a educação de seus filhos e se esquivam das responsabilidades que lhes são únicas enquanto pais e mães, chegam a denegrir a imagem da escola e do professor diante de seus filhos e assim fica difícil cobrar do aluno respeito por sua escola e professores. Como reagir a tudo isso? Muitas vezes a criança pode ficar mais introvertida, mantendo-se sozinha e isolada ou pode essa criança ficar agressiva, rebelde na busca incessante de encontrar aquilo que lhe falta, como atenção, compreensão, carinho, entre outros.

A indisciplina é algo constante em toda a escola. Grande parte dos alunos não respeita as regras da escola, os professores, colegas e demais funcionários. A convivência torna-se algo muito difícil. É fácil perceber esse comportamento nos relatos do portfólio como, por exemplo, na fala que segue “[...] percebi uns três alunos sem disposição para a leitura, levantaram de suas

carteiras e começaram a importunar os demais [...]” (PORTFÓLIO 24/09/10). Ausência de limites sociais provoca interrupções, confusões, gera conflitos, levando para a sala de aula situações que perturbam o ambiente escolar impossibilitando o bom andamento da aprendizagem.

4.3 Atividades propostas como solução para os problemas encontrados

Buscou-se trabalhar atividades que pudessem envolver a todos e despertar o interesse e entusiasmo, nessa tentativa primou-se por atividades práticas onde os alunos trabalhassem concretamente para depois entenderem a teoria de cada assunto. Um exemplo foi esta aula de matemática:

Levei para a aula três garrafas de tamanhos diferentes. Uma de 500 ml, uma de 1L e uma de 2L. Levei os alunos para a biblioteca e dividi a turma em dois grupos, levei as garrafas e um balde com água para cada grupo, expliquei o que iríamos fazer: Cada grupo tem três garrafas e um balde com água certo? Devemos escolher um representante de cada grupo para fazer as anotações enquanto os outros faziam as medidas. Começando pela garrafa menor, quero que vocês a encham de água com um copo e veja quantos copos de água coube, depois com a garrafa pequena quero que vocês encham a garrafa média e veja quantas garrafas pequenas vocês usaram para encher a média. Agora com a garrafa média vocês vão encher a garrafa grande e ver quantas garrafas médias vocês usaram e por fim com a garrafa pequena vocês vão encher a garrafa grande e ver quantas garrafas couberam. De volta para classe escrevemos um pequeno texto sobre medida de capacidade, em seguida expliquei que o que eles tinham acabado de fazer era medir a capacidade de cada garrafa e com as anotações que eles fizeram e as garrafas. Mostrei que usamos o litro para fazer essa medida e que a garrafa pequena correspondia a meio litro e a garrafa de um litro era a metade da de dois litros e que na de dois litros cabia 4x a quantidade de água da de meio litro, e assim por diante. (DIÁRIO DE CAMPO, 30/08/10).

Desta forma pôde-se perceber que ficava mais fácil o entendimento dos alunos, a participação era mais subjetiva, com respostas mais elaboradas

sobre os questionamentos e o prazer em participar ficava explícito em cada um deles.

Outras atividades também vieram comprovar tais afirmativas, como é o caso das atividades lúdicas que seguem abaixo:



Fotografia1: Atividade realizada pelos alunos do 3º ano, em comemoração ao dia do soldado.

Fonte: Juciely de Sousa Silva



Fotografia2: Atividade realizada pelos alunos do 3º ano em comemoração a semana da pátria.

Fonte: Juciely de Sousa Silva

Sobre as atividades realizadas, foi possível concluir que sempre que estas eram preparadas de maneira lúdica e prática os resultados alcançados eram satisfatórios e o estudar se tornava sempre mais prazeroso. Com tais atividades foi possível amenizar o fator indisciplina, pois todos se envolviam nos trabalhos, tinham vontade de conseguir realizá-los e ainda queriam ajudar os colegas.

4.4 Avaliação final do estágio e da função docente

Fazendo uma análise de tudo que foi vivenciado durante estes dez dias de experiência docente, ficou claro quão difícil é ser professor, ter em suas mãos a responsabilidade de formar pessoas, transformar destinos e ser parte integrada da construção de cidadãos conscientes de seu papel no mundo. É certo que a missão docente vai além da função do “ensinar”, o professor além de trabalhar suas competências, suas habilidades interpessoais e manter seu equilíbrio emocional, deve perceber que além do desenvolvimento cognitivo de seus educandos precisa ir mais longe, trabalhando o desenvolvimento humano e o respeito às diferenças, aprimorando assim o educando como pessoa humana, preparando este para o exercício da cidadania, fortalecer a solidariedade de cada um, formando assim uma sociedade mais consciente, justa e humana.

CONCLUSÃO

Diante das idéias expostas no texto, fica perceptível a necessidade da implantação de classes hospitalares que possam atender as crianças enfermas e dar continuidade a seus estudos tendo acesso aos conteúdos sistematizados como se de fato estivesse em sua escola de origem, evitando assim atrasos em seu currículo escolar ou mesmo a evasão. Além de ser uma forma de reinserção da criança ao meio no qual vive, mantendo seus contatos sociais, auxiliando na sua recuperação. É também considerável a importância de capacitar profissionais da educação para tal empreitada, pois estes vão dar continuidade ao processo educacional dessas crianças em um ambiente que por natureza é hostil e desagradável. Dessa forma suas habilidades devem estar diretamente voltadas para as necessidades de seu público. Este trabalho deveria fazer uma relação entre objeto de estudo e a prática docente, no entanto esta relação foi impossibilitada já que o estágio supervisionado não pode acontecer em ambiente hospitalar como idealizado anteriormente.

Desta forma o estágio supervisionado serviu para reconhecer um dos principais ambientes de atuação docente, que é a sala de aula regular, permitindo assim uma maior intimidade com a profissão.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa-Portugal: Edições70, 1977.

BRASIL, Conselho Nacional dos direitos da criança e do adolescente. Resolução 41/95.

_____. Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de educação especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: secretaria de educação especial, 1994.

CARVALHO NETO, Cassiano Zeferino; MELO, Maria Taís. Afinal o que é tecnologia educacional? In: **E agora professor?** Por uma pedagogia vivencial. São Paulo, 2004.

FONTES DOCUMENTAIS: **Diário de campo**, Sousa - PB – 23 de agosto a 03 de setembro de 2010. **Portfólio**, arquivo dos planos de aula e das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado em Docência. Sousa - PB - 23 de agosto a 03 de setembro de 2010.

FRANCISCO, C. M. e PEREIRA, A.S. **Supervisão e Sucesso do desempenho do Alunono estágio**, 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd69/aluno.htm>>. Acesso em 16 nov. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

HOFFMANN, Jussara, **O jogo do contrário em avaliação**, Porto Alegre, Mediação, 2005.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em internet: <[http:// www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)> Acesso em 29. jun. 2010.

MATOS, Elizabete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde.** - 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes,2008.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.